

# Vocabulário Tupí-Guaraní no Vernáculo Lusitano-Brasileiro

Pelo Cap. Tte. VICTOR B. CAMINHA

Há mais de quatro mil títulos daquela origem e fixação na língua falada entre nós.

E até daqui para a Europa transportam-se palavras, seja pelo entrelaçamento da literatura, como pela ciência. No último caso, vemos: perau, bucaneiro, ipecacuanha (ou na abreviação IPECA), etc., etc. Mais de quatro mil denominações e expressões têm procedência da língua indígena de mais aproximação com os colonizadores da América do Sul, tomando grafias ligeiramente transfiguradas, seja no ambiente espanhol, português ou no bem regional da Amazônia (o Nheengatú). Não deveríamos considerar brasileiros a tais verbetes, só porque são americanismos em relação a Portugal ou à Espanha e, mais incisivamente, são do tupí-guaraní. Eles são da terra, embora deformados. Naturalmente, no Paraguai, não se diz: até logo — curi — como no Pará e adjacências, porque, neste caso, se trata de uma peculiaridade brasileira. Os dicionários do Brasil ainda não consignam minuciosamente o vocabulário indígena, referente ao tupí-guaraní, o que faz aparecer um emaranhado de defeitos na dicionarização lusitana, que,

perplexa, naturalmente, com as dilatações da língua, em que o nosso numerário avulta, reajusta-se, na medida do possível. Do botânico Le Coite, que tão profundamente inventariou verbetes, na Amazônia, há muito a incidir nos léxicos, em impasses também ortográficos. Da etimologia, só chegaremos a um termo, sob pesquisas apuradas, recomendada uma instituição com normas de aproveitamento e não tendenciosas polémicas. A maneira peculiar das ortografias regionais não pode, num dicionário do Brasil, inteiramente esmiuçada, o que faz aparecer, digamos, no "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", o registro do Tupí da Costa, do Litoral, o ABANHEENGA, língua geral, na secção central do país, que era ponto de irradiação administrativa, resultando no maior enfeixamento de dicionarizações, o que, percebe-se logo, traduz a designação diferente de Stradelli, quanto ao Nheengatú, também considerado "língua geral", e, mais ao longe, o que diz respeito ao Rio da Prata.

E não esqueçamos que o indígena era muito expressivo, intuitivo, observador, na composição de suas palavras, o que, em topônimos e história natural, é sempre um motivo de constatações, não impressionando bem a ginástica artificio-

sa de muitos interpretadores.

Necessitamos de muitas coordenadas para trabalhos novos sobre o Tupí-guaraní e mesmo nas homologações do muito equivoco que desgoverna os incautos. Os que têm afinidades na questão (às vezes, até nas dificuldades imprevisitas das consultas) devem iniciar uma época nova nos desbravamentos de largos repositórios indígenas, que vão até à correlação com outras línguas indígenas exóticas (como dos tapuias várias) e mesmo com afro-brasileirismos. O que é do passado foi composto desarticuladamente.

Seja o Centro Cultural "Euclides da Cunha", do Paraná, um ambiente de estudos, nesta especialidade da vernaculização indígena.

As diversas instituições culturais fariam por bem dar colaboração na solução de problemas sem conta do indigenismo, assim em: geografia, linguística, ciências naturais, história pátria, medicina, folclore, etnologia, etc.

Sobre as etimologia, em cada setor, um pormenor é a chave da decifração ou a confirmação de pontos não bem esclarecidos, promovendo-se, daí, divulgações. Exemplos rápidos, temos no que tange a: Maranhão, Sairê, Curare, Macaco, Mariquerê (ou amar e querer), Simão de Tiba, Combuca (que até em Refranzeiros de Portugal se encontra), América, Pirajá, Caxambú, Sacipererê (ou Matintaperera e mais deturpações), Solimões, Anta (quenão é indígena e quase afastou TAPIR), Caraibebê, anjo; muita coisa religiosa foi inoculação colonizante), Eimerenhom (grafia brasileira do que na Guiana Francesa, como Emerillon, deve ter explicação em étimo), Canhembora (ou Calhembola), Saru, Maniva, Maiongon (tribú), Puri, etc. etc.

Theodoro Sampaio e Stradelli foram expoentes de iniciações nos mistérios das etimologias.

Mas, milhares de dúvidas ainda persistem.

A dispersão quanto às coisas do Brasil é notória, a começar pela ortografia.